

## A presença das máscaras no ritual de iniciação feminina do povo Tikuna

**Vanessa Benites Bordin**

Universidade do Estado do Amazonas - UEA (Manaus, Brasil)



**Figura 1** – Mascarados recebendo os moqueados antes de partirem. Aldeia de Nossa senhora de Nazaré, Município de São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil (04/11/2016).

Foto: arquivo pessoal da pesquisadora.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020112>

**Resumo:** Neste artigo é abordada a pesquisa sobre as máscaras da etnia ameríndia Tikuna, localizada na triplíce fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Trata-se de uma pesquisa teórico-prática, tendo como metodologia a pesquisa autoetnográfica, onde o olhar da artista se evidencia. Assim, a partir de minha convivência com os Tikuna, na aldeia (Nossa Senhora de Nazaré, AM) e em contexto urbano (no Parque das Tribos em Manaus) abordarei o universo das máscaras que fazem parte do principal ritual Tikuna, de iniciação feminina *Worecū*, A Festa da Moça Nova, que acontece quando a menina Tikuna tem sua menarca.

**Palavras-chave:** Feminino. Máscara. Ritual. Saberes ameríndios.

### The presence of masks in the female initiation ritual of the Tikuna people

**Abstract:** In this article, the research on Tikuna Amerindian masks, located on the triple border between Brazil, Colombia and Peru, will be addressed. It is a theoretical-practical research, using the methodology of autoethnographic research, where the artist's gaze is evident. So, from my coexistence with the Tikuna, in the village (in Nossa Senhora de Nazaré, AM) and in an urban context (in Parque das Tribos, Manaus) I will talk about this universe of masks that are part of the main Tikuna ritual, of female initiation *Worecū*, The Feast of the Young Girl, which happens when the girl Tikuna has her menarche.

**Keywords:** Feminine. Mask. Ritual. Amerindian knowledge.

## Introdução

Ao chegar no estado do Amazonas, mais especificamente na cidade de Manaus<sup>1</sup>, um novo território, outra realidade, diferente da minha, vinda do sul do Brasil, com o intuito de trabalhar as artes cênicas em uma universidade pública, percebi que era urgente conhecer o universo ameríndio. Estava cercada por indígenas, de muitas etnias, em um território que pertence a eles, precisava entender o contexto em que estava me inserindo, conhecer aquele lugar, aquelas pessoas, suas histórias.

Do encontro com pessoas, estudos, participando de eventos, fui me familiarizando com alguns aspectos do povo indígena que ali habita. Conheci o povo da etnia Tikuna, primeiramente, ouvindo falar sobre seu principal ritual, Worecü<sup>2</sup>, ou, A Festa da Moça Nova, rito de iniciação feminina que acontece após a menarca (primeira menstruação) das moças Tikuna. Nesta sociedade indígena a mulher ocupa um lugar de destaque, pois ela é a responsável pela perpetuação do povo Tikuna. O ritual Worecü, em sua cosmologia, representa a abundância da terra, e é uma das maneiras dos Tikuna estabelecerem boas relações com os seres da natureza e os seres espirituais garantindo que não lhes falte alimento durante o ano.

Descobri que durante o ritual aparecem seres mascarados que eu consideraria cômico-grotescos - a partir de minhas referências de estudo do bufão - com pênis a mostra, alguns com bocas escancaradas, orelhas grandes, entre outras características hiperbólicas. Eles surgem com o intuito de alertar a Worecü e os convidados da Festa sobre os perigos que assolam quem descumpra as regras estabelecidas ao povo Tikuna por seus ancestrais. Isso se dá de forma 'assustadora', por se tratar de algo sobrenatural, mas ao mesmo tempo com uma dança-brincadeira (na qual o mascarado procura acertar seu pênis em quem estiver por perto) que arranca gargalhadas dos participantes do ritual. É um riso ambíguo que causa ao mesmo tempo medo e diversão.

---

<sup>1</sup> Quando assumi o cargo de professora do curso de Teatro da Escola de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas.

<sup>2</sup> A moça que menstruou pela primeira vez.

Quando sugeri a relação entre as máscaras e o universo bufonesco, não foi no sentido de fazer uma comparação entre os bufões e os mascarados, já que cada cultura possui sua especificidade. Contudo, existe a herança cultural deixada pelos rituais primitivos com figuras sobrenaturais que guardam uma certa relação com os bufões, ou com o mundo do riso, numa perspectiva antropológica, a partir da referência de figuras que sempre existiram nas culturas mais distantes e que serviam para divertir, criticar, ofertar ou mesmo espantar as doenças e epidemias, cataclismos, temporais - ou seja, existe um espírito bufonesco universal que está no berço da cultura teatral<sup>3</sup>.

Não foi à toa o meu interesse pelo universo Tikuna, já que minha paixão pelos bufões vem desde que comecei os estudos sobre o tema, ainda na graduação, atuando em montagens cênicas nessa linguagem, realizando cursos e oficinas com mestres 'bufões'<sup>4</sup> e desenvolvendo a pesquisa de mestrado<sup>5</sup> no tema.

Então, pedindo licença para as 'mães', os 'donos' da floresta<sup>6</sup> e os Tikuna, fui conviver com eles. Primeiro na aldeia de Nossa Senhora de Nazaré localizada na Amazônia na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Em seguida, com os Tikuna em contexto urbano, na comunidade indígena Parque das Tribos, localizada em Manaus.

Essas vivências me fizeram aprender muito a respeito dos saberes ameríndios, sendo 'as máscaras' uma de suas formas tradicionais de produção de conhecimento. Meu objetivo aqui é registrar um pouco desses ensinamentos, enquanto artista, a partir dos encontros com os Tikunas e das trocas ocorridas. Começo apresentando um pouco da história das máscaras Tikuna, na transcrição da fala do Tikuna Ondino (2016):

### A história das máscaras

---

<sup>3</sup> Podemos saber mais a respeito disso a partir do estudo de Elisabeth Silva Lopes (2001) que aborda as possíveis origens remotas do bufão em diferentes culturas em sua tese de doutoramento intitulada *Ainda é Tempo de Bufões*

<sup>4</sup> Entre eles, Elisabeth Silva Lopes e Philippe Gaulier.

<sup>5</sup> O título de minha dissertação foi *O jogo do bufão como ferramenta para o artista* (BORDIN, 2013).

<sup>6</sup> Os indígenas dizem que devemos pedir permissão para as mães e para os donos da floresta antes de realizarmos qualquer ação que a envolva.

Depois que defumaram a montanha *De'cüãpu*<sup>7</sup> é que as pessoas viram essas máscaras<sup>8</sup>. Primeiro, não conheciam como que eram máscaras. Então, um dia um caçador foi caçar e veio um temporal bem forte que escureceu tudo e o caçador ficou escondido no tronco de uma árvore, aí demorou e apareceu todo tipo de máscara. Primeiro apareceu a máscara *Mawü* – Mãe da Floresta – do pixuri (árvore). Depois dela apareceu a máscara *O'ma* - Mãe do Vento. Era um temporal muito forte, pau caindo pra lá e pra cá, um vendaval que tá chegando, aí que ele (o caçador) olhou e viu que vinha vindo essa máscara do *O'ma*. E tem também aquele macaco leão, macaquinho pequenininho segurando o pênis dele pra não encostar nas casas da gente e nas árvores também, se encosta na árvore, a árvore já cai partida, por isso ele vem segurando o pênis dele pra não encostar no pau. Depois esse daí passou, aí as outras máscaras *Toü* (macaco), muitos *Toü*, não é só um não, é tipo caravana, um montão de máscara *Toü*, depois que todos passaram parou o vento e ficou limpo de novo, aí que ele contou pro pessoal, pras famílias como que são as máscaras. Aí quando chegou na festa de alguém já fez aquela máscara que ele viu, aí todo mundo aprendeu com ele a fazer máscara. Mas também ele carregava escudo (*na'tchine*) um grande escudo (as máscaras) de guerra, eram as armas deles. Ai que eles aprenderam a fazer as máscaras.

Tem duas partes que aparece essa máscara, que antigamente existia aquela montanha que chamava *De'cüãpu*, aí certo dia o povo Magüta<sup>9</sup>, que gostava de ter empregados deles, eles foram buscar os empregados deles, eram *Yawa*, outra tribo, foram atrás do *Yawa*, aí entardeceu nesse lugar nessa montanha *De'cüãpu* e passaram a noite lá. Lá tinha uma mulher que se chamava Ngutcha, ela deu a luz, ganhou o filho dela e ficou lá, demorou, e o pessoal que ia passar a noite sentiu fome, era bem mais tarde umas quatro horas por aí, eles foram caçar lá na *De'cüãpu* e viram as pacas, paquinha roendo casco de tatu, aí deram tiro com zarabatana e morreu a paquinha, pelaram a paquinha, assaram, fizeram moqueado e comeram. Demorou e apareceu pra eles uma gente lá, gente encantada que mora lá dentro da montanha e perguntou: 'o que que vocês comeram?' Perguntou pra aquela mulher que teve filho, a Ngutcha, ela disse que as outras pessoas comeram a paquinha que mataram, 'eu não comi porque eu ganhei meu filho agora e não podia comer comida remosa', o encantado falou: 'isso que vocês mataram não era a própria paca', esse daí era o filho do governo que governa essa montanha, o filho desse governo que vocês estão matando e hoje vocês vão acabar com isso, o *huri huri* vai comer vocês – o bicho que morava lá dentro da montanha *Yare* (esse daí do tamanho de cavalo, onça, boi, tem vários tipos dele, macaco, gorila todo o tipo de bicho que tem lá). Aí aquela mulher Ngutcha avisou o pessoal lá: vai acontecer isso com nós porque vocês comeram aquela paca que não era paca é o filho do governo daqui. Eles não acreditaram, disseram que era mentira que ela tava falando à toa, não vai acontecer nada. E aquele rapaz que falou pra mulher disse: 'se você quiser se salvar vocês vão fazer as tendas lá em cima, lá num galho de árvore'. Ela acreditou e mandou o marido dela fazer o girau (tenda) de cipó lá em cima e descascava o pau pra os *huri huri* não poder subir. Ela fez e alguns deles fizeram o girau lá

<sup>7</sup> Montanha encantada para os Tikuna.

<sup>8</sup> Para os Tikuna não existe a palavra máscara, ele usou a partir de minha referência.

<sup>9</sup> Como o povo Tikuna se autodenomina na língua. Magüta quer dizer os que foram pescados com vara.

em cima e os outros que não acreditaram na palavra dela ficaram lá embaixo no chão mesmo. Demorou, quando chegou umas onze horas da noite chegou um estrondo bem forte com chuva, com vento e agora sim o rapaz vem avisar nós, que nós vamos morrer agora e o pajé que tem lá também soprava pra fechar a montanha.

Demorou e saiu todos aqueles *huri huri* do buraco da montanha e tacaram fogo na gente, comeram, mataram e também eles tinham dois artistas<sup>10</sup> deles, porque antigamente todos os povos tinham dois artistas, aquele era artista mesmo, igual aquele que a gente vê na televisão, eles matavam aqueles bichos com a lança, os *Toü* (macaco) dele, sobe mesmo como macaco em cima da árvore pula pra lá e pra cá igual macaco, por isso chamava de *Toü*. Eles mataram um bocado de bicho *huri huri* e o pessoal também morreu e saíram outros, até que amanheceu o dia, quatro horas da manhã, quando morreu um dos *Toü* e ficou só um pulando e pulando, quando chegou oito horas até que morreu. Ficaram alguns *huri huri*, não muitos e as pessoas que estavam em cima nas tendas foram as que se salvaram, mas ainda tinha aquele tipo macaco subindo em árvore com um cacete pra caceta quem não tinha subido. Eles se juntaram, quem tava vivo, e os *huri huri* voltaram todos pra montanha e aqueles que ficaram lá em cima desceram e avisaram as pessoas da aldeia que não foram, porque naquela época o povo Tikuna morava só numa casa, uma maloca bem grandona, redonda, umas trezentas pessoas na mesma casa, mas cada um tinha sua cozinha, não tinha mosquito dormia só na maqueira e a casa era bem fechada de palha daqui de baixo até lá em cima com uma só porta sem janela. Eles voltaram e avisaram que os *huri huri* tinham comido os parentes dele: 'o que que nós vamos fazer agora para pagar o nosso parente que foi comido pelo *huri huri*?' então eles decidiram fazer uma roça bem grande pra plantar pimenta ardida, pimenta *tchara* e fizeram uma roça bem grande pura pimenta. Passou uns quatro meses, 'acho que pimenta amadurece em quatro meses', e convidaram as pessoas que tinham sobrado, agora nós vamos apanhar todas essas pimentas e levaram junto com o pajé pra fechar os buracos e ele soprava com um cigarro aí conseguiram fechar e não saiu mais o *huri huri*. Depois, tiraram as bacabera, uma árvore bem grossa e bem dura, aí fecharam todos os buracos daquela montanha e depois abriram um buraquinho bem pequeno e o pajé fazia fogo em cada buraco e colocaram aquela pimenta no fogo e abanaram a fumaça lá dentro da montanha, abanaram, abanaram e abanaram. Demorou um pouco e estava cheio de barulho dos bichos querendo sair de lá, demorou um pouco e saiu, tinha muito bicho que morava lá. Primeiro saiu *Beru*<sup>11</sup> com o seio comprido, aí ela abanou o fogo com aquele seio dela e o fogo se apagou, mas colocaram de novo o fogo aí ela cantava: 'a minha montanha é a montanha de papagaio, minha montanha é uma montanha de estrela, minha montanha é *De'cüãpu*'. Os povos abanaram, abanaram e ela morreu. Quando ela morreu apareceu *Matirawe* que tinha o corpo cheio de água e com essa água ela apagava o fogo pra se salvar, mas o pessoal abanava o fogo nela e ela morreu também. Depois saiu o *Domitadó*, pé grande, largo, abanaram e morreu esse *Domitadó*. Depois saiu *ïchawa*, Dono da

<sup>10</sup> Aqui também ele usa esse termo a partir da minha referência, falando de artistas como os heróis, os guerreiros, homens fortes dos filmes de ação.

<sup>11</sup> Uma figura mitológica Tikuna, Mãe do macambo (árvore), ela come gente e com seus seios gigantes ataca as pessoas. Às vezes aparece como gente, outras como borboleta. De acordo com a antropóloga Priscila Faulhaber (2007) todos esses seres mitológicos podem aparecer como máscaras na Festa da Moça Nova.

ferida, porque ele tem ferida nas costas dele, não mataram esse, deixaram ele sair e foi embora. Depois desse tem também o Dono da arara – *Tchowaru* – bem grandão e cumprido carregava ‘assim’ uma arara, uma que fica aqui na frente e outra que fica aqui atrás, mas esse aí ninguém pode olhar, se a gente olha ele a gente morre, porque o poder dele é igual ao do raio, se a gente olha ele a gente se assusta e morre, o raio dele bate e a gente fica cego com o poder dele, aí deixaram ele sair da montanha. Depois desse saiu da montanha o que eles chamam de galera, tipo um coxo de colocar massa de mandioca, ela anda por si, *Tauta* na língua Tikuna, depois, saiu um *Quiricá*, que também anda por si só, essa palavra *quiricá* é pra gente amassar a massa da mandioca, fica bem fina a massa, e foi embora. Também tem outro, o *Tocári*, não sei como a gente chama na língua portuguesa, tem o pilão e aquele pau que a gente usa pra amassar o arroz e outras coisas, mão de pilão, que também anda por si mesma e foi embora também.

Quando acaba tudo esses bichos, que chegou a hora daquele homem que nós cantamos ontem da música do Tracajá, o *Tchürüne*, ele saiu tocando o casco de Tracajá e cantando aquela música junto com o irmão dele que chamava *Morapane*, batendo o casco de tracajá, eles são gente encantada, *üüne*, quando eles saíram chamaram aquele povo que estava abanando a montanha chamando com a música do tracajá<sup>12</sup>, por isso que na festa quando tocam o casco de tracajá todo mundo tem que acompanhar, porque esse *Tchürüne* ainda existe dentro da montanha, na hora que estavam defumando ele foi pra outra montanha, ainda tá lá tocando, todo dia ele toca esse casco de tracajá, se a gente não canta, não faz festa pra Moça Nova a gente fica sem roça, dá preguiça na pessoa (*tcha o’oti* – eu tô com preguiça), fica sem banana, por isso ele chamava todos aqueles povos que estavam lá de neto, meus netos vem me acompanhar, se não me acompanhar vai ficar sem comida, aí todo mundo acompanhou ele. Então saiu aquelas máscaras junto com ele, a máscara *O’mã*, *Mawü*, *Toü*, todo tipo de máscara que a gente fazia na Festa, lá que viram, lá que aprenderam a fazer e lá também que aprenderam a cantar as músicas do *Toü*, *Mawü*, *O’mã*, com o *Tchürüne* (ONDINO, 2016).

Foi assim que as máscaras surgiram para os Tikuna. Conforme a história, da montanha *De’cüãpu* não saíram só as máscaras, mas diversos seres mitológicos, artefatos importantes e algumas restrições para a vida dos Tikuna.

Durante o tempo que estive na aldeia, e hoje convivendo com os Tikuna em Manaus, ouvi e ouço muitas histórias presentes nos mitos e canções Tikuna que permitem, aos poucos, que eu me familiarize com essa maneira de pensar. O convívio ajuda a perceber como essa visão de mundo se reflete nas ações cotidianas do povo, por isso, trago as histórias a partir da fala dos próprios Tikuna, tentando evidenciar um pouco desse olhar do outro.

<sup>12</sup> Quelônio de água doce, encontrado nos rios amazônicos, muito apreciado na culinária indígena e também com representações mitológicas. Durante o principal ritual Tikuna, *Worecü*, A Festa da Moça Nova, ritual de iniciação feminina, é tocada a música do tracajá que representa abundância.

As máscaras vêm de dentro da montanha, junto com o próprio homem. É algo muito antigo, não se tem registro disso: é a tradição oral que vai perpetuando essa prática contida nos mitos que justificam a existência e a importância dela. Mepaeruna Tikuna me contou que muitos pajés viram em sonhos as máscaras e aprenderam a fazê-las. Na aldeia, as crianças desde cedo vão conhecendo as histórias e querem participar do processo de confecção das máscaras para ‘encorporarem’ algum desses seres da floresta na Festa da Moça Nova. Elas recebem ajuda de seus pais para isso.

O que chamamos de máscara, para os Tikuna tem outros nomes, um deles é chamá-las de *To’ügü* (macacada), ou, *Toü* (macaco), um dos principais mascarados do ritual *Worecü*, o mais recorrente até hoje. Os mascarados, através de sua performance, são indispensáveis para o ritual, pois surgem para estabelecer uma boa relação com o cosmos, protegendo o povo Tikuna de catástrofes.

As máscaras Tikuna representam os seres da natureza, como nos fala Faulhaber (2007), eles trazem principalmente a chuva para irrigar a terra, o que garantirá êxito nas atividades de subsistência, porém, dependendo de como a chuva chega ela pode causar destruição. Deste modo, existe uma luta entre os contrários: a ordem e a desordem.

No ritual da *Worecü*, a desordem que as máscaras provocam levam os convidados a um misto de sentimentos expressos em gritos de medo e risos de diversão. Fogem do *Toü* quando ele chega perto, mas quando ele se afasta vão atrás segurar em seu *tururi* pelas costas tentando freá-lo, ao mesmo tempo em que ele tenta acertá-los com seu pênis. Os seres mascarados chegam do meio da floresta e para a floresta retornam, onde deixam apenas seu *tururi*, sua pele, que é trazida de volta para a *Ye’egune* (Casa de Festa onde acontece o ritual) por algum dos convidados.

O *tururi* é a casca de árvore batida que serve para fazer todo o traje da máscara: a indumentária completa que cobre o rosto e o corpo, e sobre esse *tururi* também pode ser feita a ‘cara’ da máscara com a madeira balsa (*punë*), que cobre o rosto. Assim, o *tururi* remete à ideia de pele, ou capa, porque ele transforma aquele que veste.



*To'ü* exala um perfume de matamatá, árvore de onde é retirado um componente importante para o processo de confecção das máscaras, que são as franjas colocadas na barra do *tururi*. Todos os mascarados que vi possuíam essas franjas feitas de matamatá.

Abaixo os mascarados com seus *tururis* onde podemos ver na parte de baixo as franjas feitas de matamatá:



**Figura 2** – A chegada dos primeiros ‘mascarados’. Aldeia de Nossa senhora de Nazaré, Município de São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil (04/11/2016). Foto: arquivo pessoal da pesquisadora.

Os mascarados recebem moqueados<sup>13</sup> ao participarem do ritual da Worecü. Os moqueados são especialmente feitos para os mascarados. Quanto mais moqueado houver em uma Festa da Worecü, mais abundância representa para o povo Tikuna e mais mascarados aparecem, pois os Tikuna observam os esforços do Dono da Festa durante a reclusão da Worecü.

<sup>13</sup> Os peixes e as caças ficam na fumaça do fogo quase que apagado, alguns enrolados em folha de bananeira, como que defumando, para que durem um longo tempo para consumo, não precisando de geladeira.

Os contrários se encontram no ritual – os das nações<sup>14</sup> com penas e os sem penas - assim como o masculino e o feminino, sendo a simbologia do pênis dos mascarados (que estão em evidência na maioria deles) a representação do masculino, em contraponto ao universo feminino de cuidado e de reclusão em que a Worecū se encontra. O pau que os mascarados carregam, que corresponde ao pênis, configura um símbolo de violência e poder, pois além de ser um órgão reprodutor ele pode acarretar destruição, segundo Faulhaber (2007). Deste modo, a performance dos mascarados também funciona como um aviso às moças sobre a relação com os homens.

Os seres (bichos – ngo’o e encantados - ü’üne) que vieram da montanha De’cūãpu habitam o imaginário Tikuna e quando uma Festa da Moça Nova se aproxima os parentes que forem convidados, e quiserem, podem dar vida a esses seres.

### **A criação dos tururis**

Acompanhei a criação das máscaras como um dos preparativos que acontece alguns dias antes da Festa da Moça Nova. Elas devem ser concebidas longe dos olhos do Dono da Festa, que não pode saber quem são os convidados que estão trabalhando nisso, muito menos ver as máscaras. Caso isso ocorra corre risco de vida, podendo se transformar no que elas representam.

As máscaras cujo processo de produção pude acompanhar, foram confeccionadas na casa de Ondino, que era ao lado da casa do Dono da Festa, portanto, todo o processo de criação foi elaborado com muito cuidado, com as janelas fechadas, iluminados por velas, falando baixinho, trazendo os materiais escondido, para que não corresse o risco de nenhuma pessoa da casa do Dono da Festa descobrir. As máscaras foram feitas inteiras de tururi: corpo e cabeça.

Todos esses seres que vieram da montanha e que aparecem no ritual da Worecū usam o que poderíamos chamar de ‘máscara de corpo inteiro’, característica que contribuiu para que eu relacionasse os mascarados Tikuna aos bufões, já que a máscara do bufão é a máscara de corpo inteiro, além das

---

<sup>14</sup> Nações ou clãs, são como se dividem os Tikuna, definindo o casamento entre eles.

outras características hiperbólicas e cômico-grotescas que falei anteriormente: bocas escancaradas, orelhas grandes, pênis a mostra.

Junto do tururi pode ser utilizada a madeira balsa, que é a mais leve que existe na natureza do entorno Tikuna e serve para fazer 'o rosto' da máscara. Em Nossa Senhora de Nazaré, os Tikuna me disseram que na maioria das Festas encontramos máscaras somente de tururi.

Todos os materiais para a criação das máscaras são retirados da natureza, sendo o tururi a base de todas as máscaras: uma vestimenta, uma capa, uma pele, que envolve quem a veste da cabeça aos pés. "O tururi – e o que ele suscita de confusão com uma pele verdadeira – é referido em outros mitos como o de Torama, em que as pessoas confundem a pele verdadeira de uma onça que um rapaz vestia com uma máscara de onça." (MATAREZIO FILHO, 2015, p. 34). Deste modo, quem produz e quem veste a máscara acaba por adquirir um poder mágico.

No tururi são desenhados grafismos Tikuna, que representam os animais da natureza, pode-se desenhar os componentes das nações Tikuna, o sol e a lua. Para tanto, utilizam cascas, folhas e frutos retirados das árvores do entorno: para o amarelo é utilizado o açafreão; para o vermelho é o urucum; para o laranja mistura-se o açafreão com o urucum; o preto e o roxo podem ser feitos com a tinta das cascas do caroço da pacóva (depois de fervidas em água, como vimos anteriormente); a casca da árvore pau-brasil nos dá o rosa; e os diferentes tons de verde conseguimos com as folhas das diversas espécies de árvores da floresta amazônica.

Com a fibra retirada do caule de arumã (espécie de bambu), ou com as folhas do tucumanzeiro (que se faz o tipiti, peneiras e cestos) também pode se fazer as orelhas das máscaras, ou o suporte da cabeça de Mawü. Chamam esse suporte para a cabeça de 'paneiro', ele será encaixado por dentro do tururi, elevando a cara de Mawü por cima da cabeça de quem a vestir.

Na figura abaixo podemos ver o suporte feito de arumã ao lado do tururi de Mawü em processo de confecção (a cara ainda não estava pintada), na foto o suporte de arumã está para baixo, mas ele irá se encaixar na parte de cima, que é a triangular:



**Figura 3** – Tururi de Mawü em processo. Aldeia de Nossa senhora de Nazaré, Município de São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil (novembro de 2016). Foto: arquivo pessoal da pesquisadora.

Na sequência, a cabeça de Mawü já desenhada e ao lado a vestimenta finalizada com o suporte encaixado por dentro do tururi, em cima da cabeça coberta com as franjas de buriti, que também foram colocadas na barra do tururi. Depois que a pessoa veste o tururi, corta o lugar dos braços. Essa cabeça enfeitada com as franjas representa os ‘cabelos’ de Mawü que ficam para baixo, a parte mais dura do caule de buriti é cortada como varetas e serve para espetar a parte da fibra do caule mais esponjosa, que é cortada em pequenos triângulos e colocada na parte de cima da cabeça, representando a árvore de pixuri.



**Figura 4** (à esquerda) - a cara de Mawü pintada no Tururi e **Figura 5** (à direita) – Mawü. Aldeia de Nossa senhora de Nazaré, Município de São Paulo de Olivença, Amazonas, Brasil (novembro de 2016). Foto: arquivo pessoal da pesquisadora.

### Os mascarados e a Worecû

Depois de prontas é o momento de surgirem no ritual Worecû, realizando sua performance para o cumprimento de sua função: manter em harmonia as relações que estabelecem com os diferentes seres que habitam o cosmos, assegurando a subsistência dos Tikuna.

Antes de partirem, levam embora o payauaru e os moqueados que recebem do üaücû como recompensa.

Os tururis que estiveram presentes em uma Festa da Moça Nova nunca mais retornam à outra. Após serem jogados por cima da Worecû, que acabou de ter seus cabelos arrancados, se destinam à casa do Dono da Festa como lembrança do acontecimento. Algumas franjas de matamatá são retiradas das barras dos tururis e ficam na Ye'egune, penduradas no teto, como forma de proteção, permanecendo por diversas Festas até se desfazerem com o tempo.

A recorrência de nós, artistas e pesquisadores das artes cênicas, queremos estudar as máscaras de culturas ancestrais é para compreender

questões que são difíceis de examinar partindo somente da análise do uso de máscaras pelos atores-performers ocidentais. No entanto, sabemos que em contextos rituais elas têm um sentido sagrado como nos fala Ana Maria Amaral:

A máscara ritual não é um objeto qualquer. Tem um sentido sagrado, é um objeto sagrado. A máscara ritual encerra em si forças. É uma transferência de energias. Nos rituais as máscaras têm uma função, estão ligadas a ações, ações-essenciais. Têm também um sentido de mutação, metamorfose (AMARAL, 2011, p. 31).

Assim, a partir do olhar para o outro, conseguimos nos distanciar de nossas práticas e perceber questões diferenciadas, que podem nos ajudar a entender essas práticas pensadas a partir de nosso contexto.

O que buscamos é conhecer, analisar e refletir a respeito de elementos que consideramos poéticos nas práticas de outros povos, como no processo de confecção das máscaras Tikuna e sua performance durante o ritual, para entendermos os nossos próprios processos de criação. Com isso, não se trata de copiar o que o outro faz, mas de aprender com ele e, talvez, inspirar-se nele.

Da mesma forma que o indígena sabe o que aquele ser representa enquanto o confecciona, o artista quando vai confeccionar uma máscara tem a consciência de que está transmitindo algo de si a ela<sup>15</sup>, quando vestimos essa máscara ela ganha vida e é como se o performer não existisse mais. Quando o performer consegue dar vida a determinado objeto de maneira orgânica, não vemos mais ele por trás do objeto, a máscara se torna parte de seu corpo e o transforma em um outro ser.

Performar com as máscaras proporciona um espaço criativo de liberdade para o performer, pois ela oculta (a imagem externa, ou modifica a figura do performer) ao mesmo tempo em que revela o pensamento mais profundo deste. Esse espaço criado pela máscara é limiar, e se dá de forma diferente do ritual, mas também nos rituais as máscaras se desdobram revelando outras faces.

---

<sup>15</sup> No momento da confecção já começa a estabelecer-se uma relação entre ator-performer e objeto. Um envolvimento que exige presença, pois é necessária concentração, atenção, relação com aquele objeto e isso faz com que o ator-performer se engaje nessa ação. As escolhas estéticas para a criação da máscara já pressupõem a performance futura daquele que irá vesti-la.

Por trabalhar no campo do teatro de formas animadas esse saber sobre as máscaras Tikuna transformou minha maneira de abordagem<sup>16</sup>. Antes, devido ao pouco conhecimento, a primeira vez que introduzi o assunto para os alunos, na disciplina de Teatro de Formas Animadas, apresentei máscaras indígenas brasileiras (assim como máscaras pertencentes a outros povos) a partir de fotos e vídeos, mas superficialmente, pois não tinha essa vivência. Meu foco ficou limitado ao meu trabalho com o bufão e as máscaras da *commedia dell'arte*<sup>17</sup>, além da referência do trabalho com Jesusa Rodríguez que tive como experiência do México<sup>18</sup>, para pensarmos as máscaras no contexto da performance ativista. Minha experiência era na intervenção em espaços públicos pautada pela ideia configurada de personagens-tipo.

Depois do encontro com os Tikuna pensei novas possibilidades para trabalharmos na disciplina de Teatro de Formas Animadas. A experiência em campo com as tintas de fabricação natural foi muito marcante, deste modo, propus que buscássemos isso nas aulas. Não tínhamos todas as árvores da aldeia, mas tínhamos outras, com folhas diferentes, que também poderiam ser utilizadas para conseguirmos tons de verde. O urucum e o açafrão conseguimos encontrar para obtermos as cores vermelho e amarelo. Utilizamos café para alcançarmos tons de marrom, e legumes misturados com álcool; como a beterraba para o rosa, o espinafre para o verde e a cenoura para o laranja. Criamos um laboratório em aula para trabalharmos com essas tintas naturais, eu levava algumas sugestões e os estudantes complementavam com outras, assim fomos experimentando e refletindo sobre o que funcionava e o que não funcionava.

Com os materiais para confecção também seguimos por esse caminho, tínhamos materiais da natureza que poderíamos usar, a partir da inspiração que

---

<sup>16</sup> Coordeno um projeto de extensão chamado: *Contadores de histórias: o teatro de formas animadas na comunidade* em que trabalho com essa linguagem e ministro a disciplina Teatro de Formas Animadas para os estudantes de graduação em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

<sup>17</sup> Que havia trabalhado na graduação em artes cênicas, em uma disciplina específica e na montagem de um espetáculo a partir dessa linguagem.

<sup>18</sup> Durante o curso oferecido pelo Instituto Hemisférico de Performance e Política que foi realizado na cidade de San Cristóbal de Las Casas, estado de Chiapas, México, no período de 24 de julho a 13 de agosto de 2011. O curso foi coordenado por Diana Taylor pesquisadora dos estudos da performance da Universidade de Nova York e diretora fundadora do Instituto Hemisférico de Performance e Política.

o trabalho com o tururi nos suscitava e pensamos também em materiais recicláveis, que ganharam novos significados em nossas confecções.

A utilização de materiais recicláveis não é novidade, já fazíamos as máscaras com jornais e revistas, que é um procedimento bem conhecido de confecção, mas agora nosso imaginário estava povoado por outras formas e tínhamos uma nova referência de confecção e de concepção a respeito de máscaras, que vinha dos Tikuna.

Acredito que o desejo por uma transformação de perspectiva, a partir da relação com o outro, se dá nas pequenas ações cotidianas que vamos realizando e que transformam nosso olhar, que nos fazem atentar para novas possibilidades de se relacionar com o mundo, com as pessoas e com a natureza. É uma transformação na vida que conseqüentemente transforma nossa arte. Percebemos que tudo já está dado na natureza, é só estarmos atentos e abertos para o conhecimento.

## Referências

- AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Formas Animadas: máscaras, bonecos, objetos*. São Paulo: Edusp, 2011.
- BORDIN, Vanessa Benites. *O jogo do bufão como ferramenta para o artista*. Dissertação (mestrado) Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2013.
- FAULHABER, Priscila. O ritual e seus duplos: fronteira, ritual e papel das máscaras na festa da moça nova ticuna. In: *Boletín de Antropología de la Universidad de Antioquia*, vol. 21, n. 38, p. 86-103. 2007.
- LOPES, Elisabeth Silva. *Ainda é tempo de bufões*. Tese (doutorado) Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2001.
- MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. *A Festa da Moça Nova: ritual de iniciação feminina dos índios Ticuna*. Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ONDINO, Tikuna. Entrevista concedida pessoalmente a Vanessa Bordin. Novembro de 2016.